

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Guamabara

DATA: 03/09/1955 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: Gente Nova - Luiz Verri

ASSUNTO: Luiz Verri pintor paulista elogia Ivan e outros.

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURÍCIO

Cinema no Museu

A TÉCNICA REVOLUCIONÁRIA DE MC LAREN

Entre os quatro filmes programados para a terceira sessão cinematográfica do Museu de Arte Moderna do Rio, a realizar-se terça-feira, 6, às 18 horas, no auditório da ABL, queremos destacar o "Pen Point Percussion, Dots & Loops", do notável Norman Mc Laren, canadense que conhecemos de perto do Festival de Cinema de São Paulo onde ele foi a nota mais original e ousada dentro dos recursos proporcionados pelo Cinema para uma ligação mais estreita e entrosada com a arte não-figurativa.

Mc Laren descobriu um processo novo e originalíssimo de desenho animado, feito diretamente no celulóide (tanto o desenho como o colorido), expressando-se, entretanto, através de pontos e traços que tomam por assim dizer a forma figurativa do som. Isso parecerá, à primeira vista, sem sentido, mas tem sua justificativa: as diferentes composições sem nada registrar do mundo figurativo, obedecem na sua dinâmica movimentação, desdobramento, curvaturas, a todas as exigências do ritmo musical que acompanha a fita. Dirão: mas a nota musical, o som, não tem figuração formal. De acordo. Mas no filme de Mc Laren os sons ganham forma correspondente — as linhas e pontos se entrosam e dançam numa precisão rítmica impressionante.

Impressionados com a contribuição de Norman Mc Laren, buscamos contacto com o jovem revolucionário que nos revelou haver começado sua vida como pintor, despreocupado de academias e "escolas", em benefício do que para ele era essencial: a fantasia, a invenção. Honestamente, porém, lembrou que a técnica dos seus filmes já fora experimentada antes pelo australiano Len Lye, em 1930. Como dissemos, Mc Laren desenha e pinta diretamente na película, usando óleo ou aquarela ou quaisquer outros meios. No filme a que assistimos (Begone dul care) as cores muito se assemelhavam aos caleidoscópios infantis e os efeitos e cores eram desenhados sem preocupações de estilo. A técnica? Simples: — usando alguns centímetros de cópia de celulose, desenhou por cima da mesma, com um pincel, vários traços de cor, formando arabescos. Pintou de ambos os lados, com grande rapidez e de maneira despreocupada e simples. Certa ocasião, após ter pintado um metro de fita, esta caiu no chão, ainda molhada, sujando-se com a poeira. Mc Laren ficou desolado mas verificou depois que a poeira havia dado um lindo efeito. Desde então passou a usá-la em alguns pedaços de filmes. Conseguiu também efeitos surpreendentes com graxa de sapatos, escovas de dentes, rendas, enfim tudo que pudesse auxiliar a obtenção de formas variadas.

O som, ele o conseguia em casa, alcançando mesmo um efeito de escala. Bastava gravar com um estilete o filme a ser projetado, marcando as margens com sinais maiores ou menores, mais ou menos espaçados. Desejando-se figuras e histórias, basta desenhá-las no filme virgem, pronto. Ele porém fugia do figurativo, desejando criar algo novo — o que, aliás, conseguiu.

O governo canadense financia integralmente os estudos e experiências de Norman Mc Laren. E seus filmes são exibidos nos cinemas do Canadá, nas universidades, museus e escolas de arte dos EE. UU. Mc Laren, rapaz realmente modesto, estava feliz apenas porque, segundo ele, qualquer um poderia agora adotar o cinema como hobby e realizar lindos filmes em sua própria casa, apenas com celulóide, tintas e sons.

Este o grande aspecto revolucionário da sessão cinematográfica de terça-feira.

O QUE ÊLES FAZEM E DIZEM...

Afonso Eduardo Reidy regressou de sua viagem à Europa e Estados Unidos. Percorreu os principais museus do mundo, atento ao seu funcionamento e organização. Como diz o outro, depois ele conta...

Oscar Niemeyer embarcou para a Venezuela, acompanhado de Joaquim Cardoso, a fim de projetar o Museu de Arte Moderna de Caracas, dentro de um grande conjunto arquitetônico, à convite do governo venezuelano.

Mario Pedrosa viajou inesperadamente para Minas Gerais, há dias. O nosso crítico desta vez não foi a serviço da arte, mas da política: — foi fazer força para o general Juarez Távora vencer nas próximas eleições. Já está de volta.

Maria Leontina, quando soube que ganhara o Prêmio de Viagem ao País, ficou presa de angústia e correu para casa. "A sensação foi de decepção e medo", contou a pintora que é ligeiramente kafkeana.

Sonia Ebling quando soube que havia conquistado o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro teve uma "coisa". E correram lágrimas gaúchas — lágrimas fáceis mas sentidas — pelo rosto da jovem escultora.

Ramiro Martins, por sua vez, ao saber da sua premiação ficou mais alto, mais corpulento, braços pesados, cabelos, bigodes imensos, mole e sorridente — um sorriso imenso, permanente, completamente alvar, feliz da vida!

Portinari acaba de iniciar a segunda parte dos painéis da ONU. Trata-se da "Paz", que na opinião de muitos será plasticamente mais bela

que a "Guerra". E nas horas vagas o artista ilustra "D. Quixote". Maravilhosamente.

Wladimir Alves de Souza e Mário Barata vão disputar a cadeira de História da Arte da F.N.B.A. Há grande expectativa no ambiente. A tese do primeiro é sobre Van Gogh e a do segundo sobre evolução da escultura.

O pintor Enrico Bianco, que com sua colega Rosinha Leão, forma com Portinari a equipe que realiza os painéis da ONU, pretende realizar mostra individual brevemente, talvez na Petite Galerie.

As aulas de Sanson Flexor no Museu de Arte Moderna do Rio vêm alcançando êxito excepcional. "Aprendi muito na primeira aula" — disse a gravadora Vera Bocayuva. Outras artistas o confirmam.

A cronista Eneida tem medo de pintor rancoroso. "É inimigo terrível!", afirma, seríssima. Tolice, Eneida. Pintor pode ser explosivo, temperamental. Nunca rancoroso. Tal sentimento não vai com autêntica alma de artista. É muito feio.

Maria Martins está escrevendo uma bela crônica em "Última Hora", sob o sugestivo nome de "Poetra da Vida". A discutida escultora já tem organizado um simpático atelier em Botafogo.

E a nossa cara engenheira Carmen Portinho — de quem já andamos com grande saudades — regressou de sua viagem à Europa, com muita coisa para contar, coisas inteligentes que só a sagacidade de uma Carmen Portinho poderia captar devidamente.

Gente nova

LUIZ VERRI



Paulista de Itaquaquecetuba, o pintor Luiz Verri, antigo estudante da Escola de Belas Artes de São Paulo e discípulo do pintor Gino Burri, expôs individualmente uma vez apenas, em 1954; participou, entretanto, de salões paulistas de belas artes, municipais e fluminenses, tendo alcançado "medalha de bronze" e "menção honra" em alguns deles.

Admira a pintura de Picasso, Matisse, Bonnard, Van Gogh, Léger e Utrillo. Dos nacionais Portinari, Inimá, Pancetti, Gino Bruno e Iberê Camargo. Sócio do Museu de Arte Moderna do Rio, que acha obra admirável, pois "dinamizou e revolucionou a vida artística da cidade, com suas exposições, cursos e conferências, tornando obrigação de toda gente decente (sic) aplaudí-lo e apoiá-lo".

Luiz Verri refere-se à Bienal de São Paulo como obra da maior importância.

— Traz aos brasileiros as obras primas da arte contemporânea, dando-nos oportunidade de ver trabalhos que sómente com uma viagem de 2 ou 3 anos poderíamos ver pelos museus do mundo. É uma lição e um estímulo. Espero um dia poder comparecer à Bienal, na representação brasileira, condignamente.

— Planos para o futuro?

— Antes de tudo absoluta sinceridade na minha pintura. Sinceridade e trabalho. Sou um pintor figurativo que respeita, entretanto, e admira, artistas não-figurativos como Kandinsky e Mondrian, e Cicero Dias e Ivan Serpa, entre os nacionais. Amanhã não sei exatamente o caminho que irei seguir. Pintarei sempre de acordo com minha sensibilidade. Cada artista tem direito a livre criação em qualquer forma de expressão.

E aí está, num rápido "flash" o pintor paulista Luiz Verri, que oportunamente realizará mostra individual na cidade.